TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 23-1.º ANO

Diretor: PINTO QUARTIM

Publica-se ás 5.ªs feiras

Editor: JAIME DE CASTRO

Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRERedação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.ºComp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 87

PREÇO 20 RS.

A necessidade e o sagrado direito — o dever mesmo —
que temos de nos defender
impõem-nos este apêlo á solidariedade internacional

Pour les victimes du despotisme en Portugal et pour le respect
aux droits de l'homme

A la presse, aux classes ouvrières organisées
et aux libres penseurs de tous pays

Les persécutions, ébauchées contre l'organisation ouvrière par les gouvernements de la République Portugaise, ont atteint l'apogée avec l'ascension au Pouvoir de M. Afonso Costa, le chef du soi-disant groupe démocratique.

Partout, dans le pays, les autorités de la République, inspirées par le Président du ministère, exercent les pires violences, en fermant des associations légalement constituées, en emprisonnant les militants sous des prétextes des plus futiles, en formulant contre ceux-ci les accusations les plus ridicules.

Dans la province d'Alentejo, où l'organisation syndicale, chez les populations rurales, s'est développée le plus, les autorités locales, avec le plus grand manque de respect envers la Constitution de la République, assaillent et ferment arbitrairement des syndicats et des coopératives, en saisissant les livres de comptes. Elles arrêtent un grand nombre de travailleurs, en les dirigeant sur les prisons de Lisbonne, où ils sont maintenus pour un temps indéterminé, contrairement à ce que disposent les lois fondamentales de la République.

A Lisbonne, une intense crise de travail, qui touche toutes les industries, et l'extraordinaire cherté de la vie ont créé aux ouvriers une situation désespérée, dont leur presse et leurs syndicats répercutaient les échos. Le gouvernement avait réduit à trois journées la semaine de travail de l'énorme légion des ouvriers des travaux publics. Il avait voué ses ouvriers à la misère et à la faim. Des protestations s'ébauchent, des volontés dispersées se canalisent, et quand l'indignation ouvrière est en train de prendre corps, le gouvernement ferme la Maison des Syndicats, sous prétexte d'une tentative insurrectionnelle politique, à laquelle l'organisation ouvrière est tout à fait étrangère; et il saisit les journaux révolutionnaires. Dans un vaste meeting, organisé par les «juntas de paroisses» (conseils de commune) de la capitale pour protester contre l'augmentation des loyers, les 50.000 intervenus se solidarisent avec la protestation des ouvriers contre les persécutions qui leur sont mues par le gouvernement de M. Afonso Costa. Celui-ci perd pied dans l'opinion. L'arbitraire redouble. Les journaux d'opposition sont saisis, et en face de cette terreur «démocratique», les ouvriers se réunissent avec difficulté. Les libertés de presse et de réunion n'existent plus. C'est le vouloir suprême de M. Afonso Costa qui prédomine.

Et c'est dans cette atmosphère de terreur que, le 10 juin, au passage du cortège en l'honneur de Camoëns, une bombe éclate au milieu d'ouvriers portant un drapeau noir avec l'inscription «Du pain ou du travail!» Les carbonari de M. Afonso Costa, immédiatement après l'explosion, brûlent un kiosque fréquenté par des ouvriers; ils prétendent envahir la rédaction du quotidien monarchiste *O Dia*, ce qui est empêché par la police; ils assaillent la Maison Syndicale. Ils en brisent les vitres et le mobilier, avec le consentement de la force publique, qui se limite à éviter l'incendie du siège des associations ouvrières.

Le lendemain la police arrête chez eux les militants ouvriers les plus connus et elle les enferme dans la prison centrale de Lisbonne, à l'ordre du chef de police. Et tandis que le juge d'instruction criminel procède aux investigations concernant l'attentat, envoyant au tribunal, comme les auteurs supposés de l'acte, 16 jeunes gens, les militants ouvriers, sur le compte de qui — et pour cause — rien ne s'est vérifié, sont en prison depuis 36 jours, cette situation promettant de se prolonger, contrairement à ce que dispose la Constitution de la République. L'organisation ouvrière, sous la contrainte de la terreur dont on l'enveloppe, se replie. La presse, à laquelle les militants ouvriers ont eu recours contre les violences dont on les accable, pactise, par son silence, avec le gouvernement, sauf deux ou trois journaux qui ont publié les lettres qu'on leur a adressées. La presse gouvernementale comble les militants ouvriers des insultes les plus grossières, et quelques journaux d'opposition, craignant d'être saisis, ou d'être assaillis par les carbonari, ne disent pas un mot contre les actes d'arbitraire que commet le gouvernement sur les travailleurs organisés et leurs militants les plus dévoués. Que nous reste-t-il à faire en face de cette atmosphère de terreur qu'on a créée autour de l'organisation ouvrière?

Faire appel à la presse internationale, en protestant contre l'arbitraire du gouvernement démocratique, qui a étranglé toutes les libertés consignées dans la Constitution de la République Portugaise, qui a fermé des associations légalement constituées et qui garde en prison, à la disposition de M. Afonso Costa, sans procès et indéfiniment, des travailleurs honnêtes et conscients qui luttent pour l'émancipation du prolétariat.

C'est ce que nous faisons. Et nous espérons que notre protestation trouvera un écho dans le monde civilisé, qu'elle provoquera dans la presse, les organisations ouvrières et les sociétés de la Libre Pensée, une campagne contre l'arbitraire qui règne en Portugal.

Pelas vítimas do despotismo em Portugal -
e pelo respeito aos direitos individuais

A imprensa, ás classes trabalhadoras organizadas
e aos livres pensadores de todo o mundo

As perseguições á organização operária, que os governos da República Portuguesa tem esboçado, chegaram ao seu auge com a subida ao poder do sr. Afonso Costa, chefe do chamado grupo democrático.

Em todo o país, as autoridades da República, inspiradas pelo chefe do governo, exercem as maiores violências, encerrando associações legalmente constituídas, prendendo os militantes sob os mais fúteis pretextos e formulando-lhes as mais ridiculas acusações.

Na provincia do Alentejo, onde a organização sindicalista mais se tem desenvolvido entre as populações rurais, as autoridades locais, com o maior desrespeito pela Constituição da Republica, assaltam associações de classe e cooperativas, apreendendo-lhes todos os livros de escrituração e encerrando-as arbitrariamente; prendem grande numero de trabalhadores, que enviam para as cadeias de Lisboa, onde os conservam por tempo indeterminado, contra o que dispõem as leis fundamentais da República.

Em Lisboa uma intensa crise de trabalho, que atinge todas as indústrias, e a extraordinária carestia dos generos de primeira necessidade, criaram aos operários uma situação desesperada, cujos ecos se repercutiam na sua imprensa e nos seus sindicatos. O governo reduziu a enorme lejião dos operários das obras públicas a tres dias de trabalho por semana. Era a miséria, a fome a que o governo votára os seus operários. Esboçam-se protestos, canalizam-se vontades dispersas, e quando a indignação operária tomava vulto, o governo encerra a Casa Sindical, a pretêsto dum movimento insurreccional politico, com o qual a organização operária nada tinha, e apreende os seus jornais. Num enorme comício, promovido pelas juntas de paróquia da capital para protestar contra o aumento das rendas das casas, os 50.000 assistentes solidarizam-se com o protesto dos operários contra as perseguições que lhes estavam sendo movidas pelo governo do sr. Afonso Costa, que se alheava da opinião pública. Redobram as perseguições. Os jornais da opposição são apreendidos, e em face dêste terror «démocrático» os operários com dificuldade reúnem. Liberdade de pensamento e de reunião não existem. Predomina a vontade suprema do sr Afonso Costa.

E foi nesta atmosfera de terror que no dia 10 de Junho, por ocasião do cortejo camoneano, explodiu uma bomba no meio de operarios que conduziam uma bandeira negra com o distico «Pão ou trabalho!» Os carbonários do sr. Afonso Costa, logo após a explosão, incendeiam um quiosco frequentado por operários, preten tem assaltar o jornal monarchico *O Dia*, o que a policia impediu, assaltam a Casa Sindical, partindo vidros e mobiliário com o consentimento da fôrça pública, que apenas evitou que fôsse incendiada a sêde das associações operárias.

No dia imediato a policia prende em suas casas os mais conhecidos militantes operários e encerra-os na cadeia central de Lisboa, á ordem do comandante da policia. Enquanto o juiz de instrução criminal procede ás investigações sobre os autores do atentado, enviando para os tribunais, como supostos implicados, 16 individuos. Os militantes operários, sobre quem nada se apurou nem se podia apurar, ha 36 dias que estão presos, prometendo prolongar-se esta situação, contra o que dispõe a Constituição da República. A organização operária, coacta pelo terror que em sua volta se lançou, retrai-se. A imprensa, para a qual os militantes operários recorreram contra as violencias de que são vítimas, pactua com o governo numa campanha de silêncio. esceção feita a dois ou tres jornais que publicam as cartas que lhes são enviadas A imprensa governamental cobre os militantes operários dos mais grosseiros insultos, e alguns jornais da opposição, receando apreensões e assaltos dos carbonarios, nada dizem contra as arbitrariedades que o governo vem fazendo ás classes trabalhadoras organizadas e aos seus mais dedicados militantes. Que resta fazer em face desta atmosfera de terror que se criou em volta da organização operária?

Apelar para a imprensa internacional, protestando contra o governo democrático, que estrangulou todas as liberdades consignadas na Constituição da República Portuguesa, encerrando associações legalmente constituídas e conservando presos á ordem do sr. Afonso Costa, sem culpa formada e por tempo indeterminado, os operários honestos e conscientes que pugnam pela emancipação das classes trabalhadoras.

Isto fazemos, esperando que o nosso protesto ecôe no mundo civilizado, provocando na imprensa, nas organizações operárias e nas agremiações do livre pensamento, uma campanha contra o arbitrio que impera em Portugal.

Alem das fronteiras

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Varios jornais operarios do exterior protestam contra as perseguições feitas em Portugal aos sindicalistas e anarquistas, e afirmam a sua solidariedade com as vítimas da opressão governamental

Como já anunciámos no número passado, resolvemos apelar para a imprensa estrangeira, para a opinião livre internacional, contra o prolongar-se duma situação intolerável.

E não nos venham dizer que contribuimos para o descrédito do regime—como se o assaltado que se defende pudesse ser acusado de desacreditar o assaltante. Quem desacredita o regime são os seus políticos que entre si se digladiam e os seus governantes que cometem tantas e tam inúteis arbitrariedades contra os militantes operários e os propagandistas de ideias novas.

Os perseguidos tem forçosamente que se defender: o contrario é que não seria humano nem moral.

Se o governo se entretivesse a fazer equilíbrios orçamentais e acrobatismos políticos, desdobramentos de escolas e de ministerios, bem como outras habilidades do mesmo genero, os revolucionarios sociais, os operarios conscientes, os trabalhadores organizados veriam isso com olhos mais ou menos indiferentes e tratariam da sua vida, dos seus interesses e das suas ideias.

Mas o governo quis, bem escusadamente, mostrar o seu pulso num terreno perigoso para o prestígio das instituições novas, quis oferecer peñhores de fidelidade ás classes conservadoras, fiado no bom pago que elas lhe hão de dar...

A efervescencia operaria—podemos dizer social—produzida pela actual crise economica e politica, atarantou o nosso patronato e fez perder as estribeiras aos nossos inclitos estadistas.

Estes grandes homens, em vez de encarar as coisas com serenidade e de responder aos inesperantes patrões que o caso não era para sustos e que isto aqui não é nada ao lado do que se passa lá fóra, acreditaram nas tolas fantasias de proprietarios pobres de espirito, lançando-se atabalhoadamente no caminho da repressão, da calúnia e do invento de tramas e pedindo aos militantes sindicalistas e libertarios contas das culpas que cabem aos factos e a toda a gente—mas sobretudo das suas proprias faltas, asneiras e invenções.

E assim os revolucionarios

sociais passaram a ser os bodes espiatorios, mesmo em átos e factos inteiramente opostos aos seus métodos e fins.

Parece que por vivermos em país de opereta,—ou, mais ezatamente, de revista do ano—os sindicalistas foram acusados de querer fazer de pronto, assim como quem faz uma simples revolução politica ou um vulgar golpe de Estado, nada menos do que a Revolução Social!

Queriam, no dizer autentico de alguém, «tomar Portugal». E objetava-se com seriedade: «De Lisboa e do Sul poderão vocês apoderar-se; mas do Norte? Que farão então vocês?» O' Offenbach!

De modo que, para estes dirijentes de povos e detentores de riquezas, uma revolução social não é a emancipação do povo por si mesmo, não é uma obra directa das massas e de cada um, na esfera da sua competencia, após um consideravel esforço prévio de organização, ação e educação continuas, sob o impulso duma minoria atuante, mas sempre incapaz de dirijir, de operar por si só a transformação, de reorganizar a vida social. Não, para elles, essa revolução é á imajem das suas, feitas para simples mudança de taboleta ou pessoal governamental: um golpe de audácia de qualquer carbonária, um messias portentoso no poder, e a felicidade do povo em decretos com força de lei e pilulas lejislativas.

Com essa ideia de revolução, não admira que o governo—ou os papalvos que o seguem—considere e faça considerar os sindicalistas e os anarquistas como implicados na tentativa de 27 de abril, em todas as tentativas imajinadas ou ainda por imajinar, em todas as verdadeiras ou supostas maquinações de politicos mais ou menos simpaticos.

O governo, porém, já deve ter tido tempo de se convencer de que tudo isso é absurdo, como absurdo é dar caráter sindicalista ou anarquista á bomba lançada em 10 de junho contra trabalhadores.

Se não, é preciso que se convença quanto antes, mandando cessar as irritantes arbitrariedades e injustiças cometidas; e, entretanto, forçoso é que nos defendamos.

Teem se ocupado dos aconte-

cimentos de Lisboa, protestando contra a opressão que neste país se está exercendo sobre os sindicalistas e anarquistas, entre outros jornais, os seguintes: em Espanha: *Acción libertaria*, *Tierra y Libertad*, *El Porvenir del Obrero* e *La Voz del Obrero*; em Italia: *Volontá*, *L'Internazionale*, e *Il Pensiero Anárchico*; em França: *La Bataille Syndicaliste*, *Le Libéraire* e *L'Humanité*.

Terra Livre deu já noticia das referencias feitas pelos nossos estimados e ilustres colegas *La Bataille Syndicaliste*, *L'Humanité* e *Volontá*, e hoje, na manifesta impossibilidade de se referir a todos, transcreve a opinião de alguns outros jornais sobre os atropelos e arbitrariedades que se estão praticando em Portugal contra as classes trabalhadoras.

O bem redijido jornal *Acción libertaria*, de Madrid, que tem á frente da sua escolhida redação escritores radicais da cultura e do caráter de Anselmo Lorenzo, José Prat e Ricardo Mella, publicando na integra o manifesto dirijido aos anarquistas de todo o mundo pela Federação Anarquista da Rejião do Sul, junta-lhe os seguintes comentarios:

«Como se vê, não pode ser mais brilhante a liberdade desta jovem republica. Referindo-nos a esta, disse-mos, em outra ocasião, que estava prostituida; agora acrescentaremos: está acanhada, envilecida, putrefacta. Não ha por onde pegar-lhe.

Aprendam os iludidos que em Espanha não tem outra preocupação que trazer-nos uma republica igual á portuguesa. Vejamos se, de uma vez, acabam de convencer-se de que estão perdendo lastimosamente o tempo.»

A Voz del Obrero, organ das sociedades obreiras de resistencia da Corunha, consagra o lugar d'honra do seu n.º de 10 do corrente aos ultimos acontecimentos, encimando o longo artigo com estes titulos: *La tirania en Portugal—Los grandes crímenes del republicanismo*.

Merecia, pelo seu valor, integral reprodução, mas impede-nos de o fazer a sua estensão. Mas o estrato que fazemos é o suficiente para dar uma ideia de artigo todo.

Diz que o povo lusitano é hoje oprimido como era no tempo de João Franco. Em materia de liberdade nada adiantou.

Afonso Costa, aquele homem que durante a revolução foi o idolo das multidões, hoje é o tirano barbaro e cruel que, «depois de ter falado tanto de republicanismo e democracia, encarcera os redatores dos queridos colegas *Terra Livre* e *O Sindicalista*, com o exclusivo objeto de entorpecer a propaganda do sindicalismo e do anarquismo, para ter envolto no obscurantismo o povo produtor e impedir que este esija dos poderes publicos o reconhecimento da personalidade juridica dos sindicatos operarios e o direito iniludivel á liberdade do pen-

samento, propagada aos quatro ventos antes da revolução».

E continua:

«O proletariado português atravessa hoje o mais tempestuoso dos tempos que a sua historia rejistou, e todos os produtores espanhóis devemos ter presente a solidariedade humana, cadeia invisivel que nos une através das fronteiras, para impedir os grandes crimes que o republicanismo vem cometendo com os trabalhadores, só por estes quererem fazer prevalecer o indiscutivel direito á posse da sua personalidade e oporem-se á exploração do capitalismo e á autocracia governamental que, depois da instauração do novo regime, se vem fazendo, não comparada com nenhuma outra por mais despotas que tenham sido os outros governantes.

Estes factos são atentatorios da dignidade humana, por isso cremos que os homens amantes da Liberdade e da Justiça hão de sentir oprimido o coração ao verem os horrores ali cometidos com trabalhadores, dignos todos de melhor sorte, e sobre todos os que simbolizam a Sociedade por nós tão querida.

E' mister, é indispensavel uma ação comum do proletariado espanhol e português, tanto para os de alemf onteiras como para nós mesmos, ação que, ao ezercer-se, os governantes de ambos os povos fariam por destruir porque ela iniciaria o internacionalismo que pretende fundir as patrias e unificar os sentimentos que animam o proletariado mundial para chegar á realização da sua obra futura.

...A solidariedade de todos os explorados impõe-se para impedir que o estado de furor tiranico que ali se desencadeou continue por mais tempo. Seria esta ação comum de todos os trabalhadores em favor dos trabalhadores lusitanos de salutare resultados para a causa da liberdade e da justiça. Trabalhadores de todos os países: ficai nos vossos irmãos os portugueses e prestai-lhes o apoio que necessitam para salva-los do abismo em que se acham iminentes.»

Tambem *Il pensiero anárchico*, de Roma, um dos periodicos mais populares de Italia, se ocupa das perseguições que, a pretêsto da esplosão da bomba, se estão fazendo entre nós, dizendo que na sua opinião a esplosão da bomba foi um episodio da luta provocada pelo mal disfarçada reação burguesa, reação que, embora seja em Portugal republicano, não é diferente da de todos os outros países quer seja monarchia, ou imperio constitucional ou absolutista. «E' questão de palavra, mas a substancia é sempre a mesma—acrescenta; a prepotencia governativa no regime republicano ou monarchico é perfeitamente identica.»

Aludindo ao caloroso apelo á solidariedade internacional lançado por *Volontá*, de Ancona, diz:

«E o nosso protesto não deve faltar; a todos os anarquistas da península cumpre o dever de prestar essa solidariedade aos nossos companheiros portugueses perseguidos por um governo infame que se serve de todos os meios para suprimir as liberdades de associação, reunião e de imprensa, reclamando um tratamento mais justo e humano para o povo de Portugal onde a Republica, sucessora da monarchia dos Braganças, é tirania como o foi aquela porque quem diz estado diz opressão, para repetir um pensamento de um grande filosofo, — e ao povo impõe-se o dever de fazer justiça contra a opressão e a tirania. Ah! quando o povo quer!...»

Factos e comentarios

A honra... do convento

Duma carta publicada no *Intransigente*, recortamos os seguintes periodos:

«Ha tempos que (na Imprensa Nacional) era lido por bastantes empregados o semanario *Terra Livre*, deixando de aparecer ultimamente. Porque? Seria o seu distribuidor intimado a não fazer a sua distribuição?

Não sabemos, mas sabemos o motivo porque outros empregados foram intimados a não mais ler aquele semanario que tanto incomoda os srs. democraticos.»

Porque seria? Qual a propaganda considerada nociva na Imprensa Nacional? Nefasta? O nosso semanario, aparte a modestia, não pode ser considerado propagador de doutrinas nefastas. Ah! Já sabemos! Pornografica!... Alguns artigos sobre neo-maltusianismo foram considerados perigosos pelo sultão naquele harem, e daí as ordens ao eunuco para não deixar circular *Terra Livre* pelas odaliscas á sua guarda.

Um cheque

Como se sabe, o presidente do ministério apresentou numa tumultuosa sessão da camara dos deputados uma proposta abolindo a contribuição industrial operaria, pouco tempo depois de haver declarado, no mesmo logar, que o Estado não podia prescindir do odioso imposto, pretendendo captar, com aquele gesto teatral, as simpatias da classe operaria.

Iludiu-se o grrrande estadista. Querem saber como o gesto de s. ex.^a foi correspondido pela Comissão Executiva do Protesto contra a contribuição industrial operaria?

Esta comissão, constituída por bastantes delegados das Associações, resolveu que os fundos que restavam das despesas realizadas com o movimento encetado contra o referido imposto, fossem destinados aos presos por questões sociais, que o infatigável perseguidor dos sindicalistas retém, sem motivos, nas cadeias da capital e provincias.

Bela lição e... tremebundo cheque!

Uma opinião de Kropotkine.

Ha quem volte a explorar, com patrióticos fins, uma opinião de Kropotkine sobre a *defesa da França*. Manifestada há anos, essa opinião foi por ele repetida recentemente no banquete que lhe foi oferecido em Paris, no dia 7 de junho, no seu regresso da pouca hospitaleira Suíça. Kropotkine exprimiu-se aí nestes termos:

«E a guerra? Eu disse, por ocasião duma precedente passagem por Paris, num momento em que tambem se tratava de guerra, que lamentava ter 62 anos — tinha eu então 62 anos, creio, — e não poder pegar numa espingarda para defender a França no caso de ser invadida ou ameaçada de invação pela Alemanha. Não mudei de opinião nesse ponto. Não admito que um país seja violentado por outro, e defenderia a França contra qualquer país, aliás, Rússia, Inglaterra, Itália, Japão, assim como contra a Alemanha.»

Como se vê, não se trata de patriotismo, mas especialmente da defesa dum país que Kropotkine considera mais preparado para iniciar a nova «Grande Revolução». Demais, na discussão suscitada ha anos pela sua primeira declaração, Kropotkine explicou que desejava que a resistencia ao invazôr começasse pela Comuna revolucionária, pela Revolução Social.

Ele não crê na *defesa* feita pelo governo, pelo Estado capitalista e pelo seu exercito escravizado e automático. Só o povo, inflamado pela chama revolucionária, apaietonado pela defesa, convicto de que tem realmente que

defender, só esse povo é capaz de deter e vencer todos os ezercitos invasôres e salvar as conquistas da civilização e da liberdade, sem cair na reação militarista, após a derrota ou a vitória.

O que os manhósos exploradores da opinião de Kropotkine não citam é a conclusão a que, sobre este ponto, ele chega no mesmo recente discurso.

Para impedir a guerra, o mal supremo, cujas consequências ele tão bem descreve no seu último livro, para destruir o Estado, incapaz de defender coisa alguma, a não ser o privilegio, «*espalhemos, sem nos cançarmos, as nossas idéas antimilitaristas e anarquistas*; procuremos sempre os meios de atinjar as massas; é preciso falar de povo para povo.» E «não nos esqueçamos de que no dia seguinte a um movimento revolucionário, é preciso que todos tenham pão, e de que, se o pão faltasse a uma só criança que fôsse, teria a revolução errado o alvo».

A Reação em França

Solidariedade moral com os soldados castigados por protestarem contra a lei dos tres anos.

Já aqui falámos das insubordinações de varios rejimentos, em França, provocadas pela resolução do governo de manter nas fileiras durante um ano mais o contingente que finda o seu tempo em setembro proximo.

O governo francês serviu-se destas insubordinações como pretêsto para perseguir os soldados sindicados e ainda aqueles trabalhadores que não sendo associados não morriam de amores pela farda.

A ferocidade de que o governo francês deu provas nas medidas repressivas que se seguiram ás insubordinações militares, provocou uma grande efervescencia e um enerjico movimento de protesto da parte de todos os elementos que não apoiam os reacionarios projetos de Barthou, Etienne & C.^{ia}.

A favor das familias dos soldados castigados e contra as barbaras penalidades que lhes foram impostas pelos carrascos agaloados, constituiu-se um «comité de defeza dos soldados castigados» do qual fazem parte, entre outros, Anatole France, Octave Mirbeau, Lucien Descaves, etc., e está encarregado de promover uma larga campanha a favor dos pobres soldados e angariar donativos para as familias que muitos deles deixaram na mais degradante das miserias. O golpe com que o governo francês feriu os soldados, que no uso dum direito legal protestaram contra a arbitrariedade e odiosa resolução governamental, e as perseguições feitas aos mais conhecidos propagandistas sindicalistas e anarquistas, sob a acusação de instigarem militares á indisciplina, ferem-nos tambem a nós, tanto mais que o movimento de reação iniciado em França se ha de repercutir por toda a

parte e muito especialmente nos países latinos.

«Terra Livre» abre hoje uma subscrição a favor das familias dos soldados castigados, com a quota fixa de 20 reis por subscritor. Não temos a intenção de por este meio conseguirmos um grande auxilio material para essas desgraçadas familias. Somos poucos e os poucos recursos de que dispomos nem chegam para dar pão a todas as criancinhas a quem a mão *pombalina* de Afonso Costa roubou, com os pais e irmãos queridos, o pão quotidiano.

A nossa intenção é apenas levar aos perseguidos de França a expressão da nossa solidariedade com o mais veemente protesto pelas arbitrariedades, cometidas por um governo de reação.

Contra as perseguições do governo francês e a favor das familias dos soldados castigados.

Neno Vasco, Mario Costa, Pinto Quartim, Sobral de Campos, Afonso Managas, Manuel Ribeiro, Francisco Cristo, Antonio Managas, Maria Amelia Caldas Xavier, Susana Quintanilha, Francisco Vieira, Aurelio Quintanilha, Francisco de Paula Moniz, Palmira Soares, Anacleto Nogueira, Raul Leão, Manuel Lacerda d'Almeida, Armando Costa, Deolinda Lopes Vieira, José Maria Gonçalves — 20 x 20 réis 400.

Cronica internacional

NA BULGÁRIA

depois da sua estrondosa victoria sobre os turcos (a qual, aliás, lhe trouxe ambições que provocaram uma nova guerra de-astrosa), o povo tirou do triunfo um resultado maravilhoso. Como prova, entre muitas, a seguinte carta de Pentcheff, secretario da «União dos professores primarios bulgaros», ao secretariado internacional das Federações dos mestres escola da Europa, com sede em Bruxelas:

«Varna, 1 de maio de 1913.

Meu caro Cnudde:

Ao começar a guerra com a Turquia, foram fechadas as nossas escolas. Os edificios estão transformados em hospitais e casernas, os mestres servem no ezercito e as mestras são... irmãs de caridade.

Deixou de haver vida intelectual, politica, cooperativa ou economica. Só para a guerra se pensa e se trabalha. A nossa Federação cessou todos os trabalhos.

Sofremos uma grande miseria. As nossas necessidades estão reduzidas ao minimo. Só recebemos a ração parte dos nossos ordenados (25 a 60 francos por mês). Os sãoos ainda podem ir vivendo, mas os doentes, os feridos e os que perderam o pai estão numa situação deploravel.

E os feridos e mortos são numerosissimos. Morreram mais de 300 professores primarios, sendo inumeros os feridos e doentes! Somos um povo pobre e as necessidades são muitas.»

Com a guerra, que nada resolveu, perderam todos, vencidos e vencedores; mas ganharam os corvos e abutres, os financeiros, os fornecedores do ezercito e as oligarquias reinantes.

EM FRANÇA

os metodos de governar são... como nos outros países. Demais, quando o governo francês comete uma arbitra-

riedade, os outros sentem-se logo autorizados e animados a cometer duas ou mais...

O processo contra os militantes do «Soldo (*centavo*) do Soldado» por causa das insubordinações militares — apenas motivadas pelo arbitrario golpe de força do governo — tem aspectos assombrosos. Para amostra, traduzimos de *La Bataille Syndicaliste*:

«Não houve remedio senão abrir o famoso *dossier* constituído pelo juiz Drioux e do qual Barthou, graças ao misterio que o envolvia ainda, pôde fazer um uso desprezível. Esse processo está vazio, esse processo é grutesco.

Na sua *Ilha dos Pinguins*, Anatole France zombou, com a sua ironia de mestre, do *dossier* secreto Dreyfus, que de tudo continha, menos uma peça só que se referisse á questão, e que de dia para dia aumentava em proporções tais que o ministerio da guerra desabava sob o peso desse vacuo. O processo do *complot* atinje essa ironia suprema.

Sabeis o que nele se encontra? Documentos como estes: Uma carta escrita por um soldado a seu tio, dizendo-lhe: «Estou morto por sair deste sujo mister.» (Peça 121). Onde está, ali, a provocação á desobediencia? Uma carta do secretario dos trabalhadores do porto de Toulon que fala a um soldado desse sujo mister, *mas incita-o a suportar-lo*, e resposta do militar agradecido. (Peças 126 e 128. Em que se justifica o *complot*? Acham-se ali circulares de organizações, que foram todas publicadas. Acham-se ali enfim brochuras, muitas delas de Sembat (dputado), bilhetes de filiação no Partido Socialista. Acham-se ali até (é a peça 124) a canção de Montehus: *Gloria ao 17*, que quem quer pode obter por dois soldos!

Já é bonito, não é verdade? Mas eis o cumulo, e como que a girandola desse fogo de artifício assombroso, ce'erado e burlesco: A peça 129 é um prospecto que tem em gordos caracteres o reclamo seguinte: *O filtro Sico é o melhor do mundo!*

Depois desta, é escusado insistir. E' preciso *tirer l'échelle*. Logo no primeiro dia, está julgado o caso!»

Assim se prendem homens, assim se perturbam vidas e familias! Como será a consciencia dos governantes?...

E o mundo está cheio de Barthous...

Respingos e respingos

O que é a revolução

De Kropotkine, no seu recente opúsculo *L'idée révolutionnaire dans la Révolution*, reprodução de um velho artigo:

«Uma simples conspiração de palácio, ou de parlamento, mais ou menos apoiada pelo que se chama a opinião pública, basta para mudar os homens no poder e ás vezes até para modificar a forma do governo. Mas uma revolução, para causar uma mudança qualquer na ordem economica, ezije o concurso dum numero imenso de vontades. Sem o apoio e o concurso mais ou menos ativo de milhões — não há revolução possivel. E' preciso que por toda a parte, em cada aldeia, haja homens que metam ombro á demolição do passado; é preciso que outros milhões deixem fazer, na esperança de ver surgir coisa melhor que o ezistente.

Com vista aos confusionistas para quem revolução politica e revolução social é tudo o mesmo.

Adiar as instituições populares até que os homens que hoje tiram proveito do poder tenham reconhecido por si mesmo que o povo sabe o bastante para governar, é encerrar-se no circulo mais vicioso que é possivel imaginar. — Thomas Jefferson

Em pleno rejime autocratico!

Dez propagandistas presos ha 36 dias ás ordens dum ministro

apesar de lhe ter sido entregue, ha dias, pelo comandante da policia, um relatorio muito favoravel aos presos

E' espantoso!

Acusados de terem, por meio de propaganda oral e escrita, instigado os operarios á pratica do misterioso atentado do dia 10 do mês passado, e sem que até agora tenham sido interrogados e sem que agora tenham conhecimento dos artigos que escreveram ou das frases que proferiram e que pelas autoridades são julgadas instigadoras daquele ato, ha trinta e seis dias que se encontram encarcerados no Limoeiro os propagandistas operarios Alexandre Vieira, redator principal d'*O Sindicalista*, Pinto Quartim, director da *Terra Livre*, José Maria Gonçalves, Evaristo Esteves, Henrique de Moraes, Artur Parente, Alexandre Assis, João Caldeira, Eduardo Augusto Moura e Raul de Magalhães Coutinho.

E' espantoso, sim, que se mantenha,—por uma simples vingança, para satisfazer appetites rancorosos e vingativos de um tiranete ridiculo,—dez homens durante tão longo tempo privados do que ha de mais sagrado e digno de respeito: a liberdade do individuo! Por vingança, dissemos e repetimos, porque aos propagandistas presos não podem, por mais que queiram, atribuir nem as mais indirectas responsabilidades nesse misterioso atentado. E se não é assim, porque não continuam com as investigações e os processos, e não entregaram já os presos, como deviam já ter feito, ao poder judicial para que este os pronunciasse se lhes achasse culpa para isso?

Precisamente porque, mau grado seu, não tem por onde lhes pegar.

Os dez nossos companheiros presos no Limoeiro ha 36 dias estão ás ordens dum ministro (!) e só sairão quando este ordenar. E tanto assim é que pelo comandante da policia fi já entregue ao presidente do conselho um relatorio muito favoravel aos presos, e na policia todos aguardam a ordem do sr. Afonso Costa para os mandar pôr em liberdade, estranhando todos a demora dessa ordem visto o relatorio lhe ter sido entregue ha já dez dias!

Vive-se, pois, em Portugal em pleno rejime autocratico. Como a Russia, Portugal é uma pequena Bastilha.

Ali impera a vontade omnipotente dum carrasco coroadado;

aqui impera o capricho, o mesquinho espirito rancoroso e vingativo dum *tiranete ridiculo*.

Mas ha uma diferença: é que a Russia é um imperio de tradições autocraticas, e Portugal é um rejime democratico, jôvem, com tres anos apenas, que se diz de liberdade, igualdade e fraternidade.

O "Socialista,, entrevista, no Limoeiro, um dos presos

O nosso colega *O Socialista* publicou no dia 12 do corrente uma entrevista com o nosso camarada Pinto Quartim, que por ser muito longa não podemos reproduzir na integra. No entanto, convém ezazar nas colunas do nosso semanario as declarações daquele nosso amigo:

«O governo—diz Pinto Quartim—prendendo-nos, a mim e aos meus companheiros, sob a infamante suspensão de implicados no misterioso lançamento da bomba no meio de operarios, pretendeu, envolvendo os nossos nomes, ferir-nos no nosso carater e fazer recair sobre nós as anti-patias e a desconfiança publicas.

Ao principio acusou-nos de instigadores do atentado, mas como essa acusação era insustentavel, pois que nenhum de nós, quer falando ou escrevendo, aconselhou o emprego de explosivos, o governo começou a querer fazer crer que o lançamento da bomba foi um efeito da *ação directa*, um resultado da propaganda sindicalista, e que nós, como preconizadores dessa tática de luta operaria, tinhamos sido os instigadores desse atentado.

Esta nova acusação satisfez-nos mais, e não mentirei dizendo-lhe que chegou a entusiasmar-nos porque o que a primeira tinha para nós de humilhante e desonroso, tinha a segunda de honroso e de dignificador, porque não eramos já acusados de instigadores a um ato tão repelente como o da rua Nova do Carmo, mas sim de propagandistas do sindicalismo ideia esta que, para a intelligencia dos nossos acusadores, é tida como factor de atos violentos como o da rua Nova do Carmo.

Não eramos nós os julgados. Era o sindicalismo, e assim no tribunal o publico não assistiria á nossa defesa mas á defesa do sindicalismo.

Rejubilámos, cr ia, porque o mundo intelectual protestaria conosco contra a concepção estreita, errada e maldosa que os governantes deste país tem do sindicalismo e de ação directa e do julgamento resultaria a condenação dos nossos acusadores, a revelação da sua cretina estupidez, da sua crassa ignorancia e da sua perversidade.

Desejaríamos mesmo sentar-nos nos bancos dos reus por um crime dessa ordem, que muito longe de nos rebaixar elevar-nos-ia. Do sacrificio da nossa liberdade adviria, por certo, o revigoroamento e o incremento das nossas ideias.

Porém, o governo reconsiderou; parece que compreendeu o fiasco, perce-

beu que condenar-nos por propagandistas de uma ideia que eles supõem dissolvente mas que é sancionada pelo mundo intelectual, que cresce e se espalha por toda a parte apesar de todas as perseguições dos defensores das classes privilegiadas, que será enfim a ideia triunfante de amanhã, o governo percebeu que condenar-nos por sermos sindicalistas, que pretender julgar o sindicalismo, deprimiria e envergonharia no estrangeiro o rejime e resolveu, á falta de accusação que nos pronunciasse, pôr de parte os nossos processos, como concluímos do facto de não termos sido ainda interrogados, de as testemunhas por alguns de nós apresentadas para confirmar o local onde nos encontravamos no dia e hora do atentado não terem sido chamadas a depôr.

—E então porque estão ainda aqui? — pergunta o jornalista entrevistadôr.

— Porque o sr. Afonso Costa assim quer.

— ?!!

— Sim, não se admire. Estamos em pleno autocratismo, em plena ditadura democratica. Estamos aqui ás ordens do sr. Afonso Costa, não tenha dúvidas a esse respeito, e só daqui sairemos quando o seu espirito rancoroso e vingativo, que todos lhe notam, quiser. E ele não quer porque *receia, desconfia, supôe* que os sindicalistas estão mancomunados com certos politicos que, ao que se diz, pensam num «golpe de Estado». É baseado nesta *desconfiança, nesta suposição*, que fundamento algum pôde ter, que o sr. Afonso Costa aqui nos conserva!

Essa *suposição* é o que ha de mais tó e revela o desconhecimento absoluto do que é o sindicalismo. Três razões impedem qualquer combinação dos sindicalistas com os politicos; razão de ordem doutrinária, de ordem moral e de ordem humanitária.

Com efeito, os sindicalistas nos seus congressos tem votado a completa isenção da politica na organização operaria e tratar exclusivamente da questão proletária. E os sindicalistas, portanto, não podem, sem trair as resoluções dos seus congressos, imiscuir-se na politica e servir de instrumento a qualquer partido para servir ambições de pretendentes ao governo. Moralmente os sindicalistas que tal fizessem não teriam autoridade para escrupulizar os principios que advogam. Além disso, não constituindo os sindicalistas um partido, mesmo que os militantes porventura entrassem em qualquer combinação politica, traindo-se assim a si próprios, a classe não iria atrás desses militantes porque não tem sobre os operarios o predomínio de chefes.

Demais, o sacrificio de meia duzia de vidas que um movimento revolucionário daquêl género acarretaria, não beneficiaria a organização operaria, por isso que a sucessão de um governo por outro é apenas a substituição dum tirano por outro.

Uma mudança violenta de governo nesta ocasião, pôde ser de grande conveniencia para os republicanos honestos e para os patriotas sinceros que querem uma República moderna, tolerante e progressiva, e uma era de tranquilidade, de trabalho e de estudo para o seu país. Mas para os sindicalistas e anarquistas essa mudança é indifferente, por isso que os que querem assaltar o poder, amanhã de posse dele, serão um novo tiranete como o sr. Afonso Costa, menos ridiculo e

mais intelligente talvez, mas inimigo, como todos os politicos, do operariado e das ideias anarquistas. Como agora, galgarão por cima das leis do país e amariotarão a constituição da República quando o entenderem conveniente para eles

Ora, desde que o sr. Afonso Costa subiu ao poder não se tem ouvido falar noutra coisa que em golpes d'Estado e, salvo a tentativa de 27 d'abril, esse tão falado golpe ainda se nao fez. Agora volta-se a falar, mas, apesar de estar, como sempre, perfeitamente alheado dos planos dos politicos, eu creio que ele não se fará quando os politicos quiserem, mas quando as circunstancias, sempre imprevisas, o permitirem. De modo que esse suposto *golpe* tanto pode ser daqui a horas como daqui a meses. E como, enquanto continuar a *reinar* neste país o sr. Afonso Costa, o povo sincera e honestamente republicano não pôe de parte a ideia de o correr das cadeiras do poder, conclue-se que estaremos aqui até o sr. Afonso Costa sair do governo, onde eu, aliás, faço votos para que se conserve por muitos anos e bons, porque, como o de João Franco e todos os governos tirânicos e despoticos, o seu governo tem feito trabalho profundamente revolucionário. Com a sua obra governamental tem feito mais anarquistas e sindicalistas que todo o trabalho dos miitantes e propagandistas.»

O que ao operariado cumpre fazer quanto antes.

No domingo appareceu, inesperadamente, em Lisboa, um jornal, número único, intitulado *O Operário Construtôr*, que, ao alto da 1.ª página, explicava que, em virtude de atritos criados pela autoridade do distrito, não se publicava o antigo jornal *O Construtôr*, mas que as associações da construção civil federadas da região do sul haviam resolvido publicar aquêl número único para elucidar o público da perseguição que se continúa movendo contra o operariado organizado.

Esse novo jornal *O Operário Construtôr*, inseria o seguinte artigo, referente aos propagandistas presos no Limoeiro e subordinado ao titulo *O que ao operariado cumpre fazer e quanto antes*.

Dissémos num dos nossos últimos números que aos operários competia encarar a sério e de frente os nossos camaradas presos no Limoeiro, por propagandistas do movimento operário, vizitá-los nas prizoões, levar-lhes um bocadinho de conforto e honrá-los com o seu apêto de mão.

Essas visitas revestem mêsmo uma grande importancia que é preciso salientar. Pondo de parte a revelação da muita simpatia que êss's militantes gozam entre as classes trabalhadoras e de que são crêdores pela sua dedicação desinteressada e honesta á causa, essas visitas significam não só a solidariedade do operariado com os perseguidos e a sua adesão, a sua completa concordancia com a propaganda por eles feita, como um protesto contra a sua arbitraria detenção.

E' preciso não nos esquecermos que a violencia que está sendo cometida sobre aquêles dez dos nossos camaradas, representa uma perseguição feita ás doutrinas sindicalistas que eles defendem e têm propagado, e que o actual governo apostou em aniquilar, servindo-se de todos os meios, desde a calúnia e o insulto, á dissolução das associações e prisão a êsmo de operários.

Os dez propagandistas detidos no Limoeiro representam para as autoridades atacadas de *sindicalismo fobai*,

os sindicalistas, e, neste momento, têm de ser por nós vistos como a personificação do sindicalismo. O seu crime — fazer propaganda sindicalista — é o nosso crime. A acusação que sobre eles recai de serem sindicalistas e de fazerem propaganda da ação direta, peza também sobre todos nós. Defendendo-os, defendemo-nos a nós próprios e, mais ainda, defendemos os nossos princípios, a nossa organização, a nossa tática de luta.

Prendendo-os sob a infamante suspeição de cúmplices no monstruoso ato do dia 10 do mez findo, acusando-os de instigadores desse torpe atentado e considerando a explosão da bomba da rua Nova do Carmo como um efeito da propaganda da ação direta, o governo quiz, envolvendo-os por uma forma tão vil nessa monstruosidade, ferir aquêles nossos honestos e leais companheiros na sua dignidade e no seu caráter.

Nós, conseguindo a sua libertação, reabilitamo-los moralmente e reabilitando-os, reabilitamo-nos também, e a organização a que pertencemos.

Precisa, pois, o operário português empregar todos os seus esforços para os libertar; e enquanto se não estuda e se não concerta um plano duma campanha formidável, cujos ecos reboem por sobre todas as fronteiras, tendente a conseguir aquêlê desideratum que deve absorver, nesta ocasião, todo o pensamento e atividade do operariado de todo o país, é preciso aproveitarmos todos os dias, todas as horas, todos os instantes e todas as ocasiões para manifestarmos, por todas as formas, a nossa íntima solidariedade com aqueles camaradas e, consequentemente, o nosso protesto contra a arbitrariedade que os mantém no seu enclausuramento. Mas, porque forma?

Muitas são elas, por certo; mas de duas nos lembramos neste momento, que se nos afiguram sobremaneira factíveis:

reunir-se, quanto antes, cada associação em assembleia geral e aprovar cada uma a sua moção de protesto que seria, separadamente, entregue ao presidente do governo pelo maior número de associados que pudesse acompanhar a direção da sua respectiva coletividade;

e cada operário visitar, no Limoeiro, num mesmo domingo, das 12 às 2 horas da tarde, aqueles nossos companheiros, que se encontram no grupo E, de modo que a concorrência nesse dia fosse de tal modo numerosa que todas as dependências da cadeia e ainda o largo que lhe fica fronteiro, fossem insuficientes para a conter.

E para qualquer destas duas manifestações de solidariedade e de protesto, que seria ao mesmo tempo uma manifestação de força, de consciencia e de vitalidade do operariado organizado, não nos parece que seja preciso dispendio de dinheiro, de tempo e de energia revolucionária.

Ajudemo-nos!

Subscrição a favor dum camarada que se encontra tuberculoso — Livros para vender

Um camarada que se acha gravemente doente, tem necessidade, para sustentar sua mulher e dois filhinhos, de se desfazer de varios livros da sua biblioteca.

Os camaradas que quizerem fazer aquisição de escelentes obras sobre questões sociais, arte, romance, etc., poderão procura-los nesta redação, onde também se recebem quaisquer quantias para auxiliar aquele nosso camarada que neste momento tanto necessita da solidariedade de nós todos.

Transporte 2\$600

O estermínio dos sindicalistas

A Republica e o operariado

Os miseraveis principios da constitucionalidade democratica dos povos, escarnecidos e espesinhados ao cabo de dois annos e meio da Republica.

Após a tempestade a bonança, e com esta renascerá mais pujante e consciente a organização proletaria. E até lá saibamos esperar sem desanimo, certos de que a vitória será dos que propagam a verdade e defendem a justiça

Nestê país, cujo rejime o povo de bluzas e descalço, explorado e miseravel, transformou com o sacrificio da sua vida, numa manhã de outubro, na illusoria esperança de que essa transformação traria consigo mais-estar e liberdade para ele, menos privações e menos sofrimentos para as suas companheiras, um pouco mais de carinho e de educação para seus filhos, mais uma vez neste país são escarnecidos e espesinhados os universais principios da constitucionalidade democratica dos povos: os direitos de reunião, de associação e de livre pensamento.

O atual governo na sua *sindicalismofobia* — pelo que outros, que não nós, o censurarão, pois bem compreendemos que se de outra forma procedesse não seria o bom defensor e zelante zelador dos interesses das classes privilegiadas que todo o ministro deve ou tem de ser — entendeu que é com a violencia e o ultraje aos direitos humanos que tapaná a boca aos que protestam contra a burla de que foram vitimas, e que é com o abuso da autoridade e o uso das maiores oppressões que mata o ideal redentor da humanidade que sofre!

Como dissemos já, a desorganização e o terror que tal perseguição acintosa e desenfreada espalhou de lez a lez de Portugal, são apenas passageiras, apenas momentaneas.

Não ha tempestade a que se não siga a bonança. Portanto o tempo, que traz sempre imprevistos, se encarregará de dissipar a atmosfera de oppressão asficsiante que nos sufoca, que aljema os nossos pulsos, que nos estrangula na garganta o nosso protesto, e depois todos se hão de convencer que a tirania dos governos é a maior propaganda da união e da rebelião das massas incredulas e indiferentes, e o melhor estimulo para os sinceros e desinteressados lutadores pela justiça e pela liberdade.

E até que esta atmosfera se não modifique, até que por entre as densas e brumosas nuvens que envolvem, em trajica escuridão, este formoso país de luz e de flores, se não dissipe um pouco, deixando coar-se uma restea do sol resplendente da liberdade; ou até que um desses fenomenos tão frequentes da natureza, que bruscamente transformam um dia carrancudo num dia de luz fascinante, se não produza na nossa vida nacional, que de uma forma inesperada põha termo a esta tirania que subjuga e aterroriza a população portugêsa, — tenhamos até lá, os que entre ferros da Republica espiam a culpa que não é sua de ter um coração e um cerebro que se não conformam com este estado social crapuloso e iniquo, tenhamos até lá a paciencia de esperar sem desanimo e com altivez, com sorriso nos labios e intelijencia lucida, serenos e fortes na convicção de que nosso será o triunfo no final da batalha.

Não são estas palavras lançadas gratuitamente, mas autorizadas por uma serie interminavel de factos. Já no nosso numero transato apresentámos cartas de varios operarios vitimas dessa feroz perseguição democratica, e hoje continuaremos o sudario que ainda não termina por aqui.

Em Coruche

Depoimento de Ferreira Quartel

Foi no dia 23 de maio proximo passado. Dia calmo, não um destes dias com que a natureza nos dilicia, no mez de maio; pelo contrario, estava taciturno, uma atmosfera pezada, asficsiante, tal como quando se aproxima de nós uma trovoadá, e, todavia, eu trabalhava assiduamente na escrita da cooperativa *A Solidaria*, de Coruche, que estava a meu cargo assim como a da

Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais, de que recebi 400 reis por cada dia, na qualidade de escurituario.

Como disse, no dia 23 de maio, deviam ser umas 13 horas (1 da tarde), entrou na sede da associação de classe, onde estava trabalhando, o official de diligencias perguntando por mim a um camarada que na ocasião ali, se encontrava.

— Está ali respondeu ele ao mesmo tempo que eu apareço e o official me participa que o sr. administrador pedia que eu fosse á administração do concelho, ao que acedi.

Uma vez ali e em frente do

sr. administrador, este, oferecendo-me uma cadeira, pergunta-me:

— Então, sr. Quartel, em que condições vai a associação?

— Pouco mais ou menos, nas mesmas em que se encontrava hontem, respondi-lhe.

— Então nunca mais reuniram?

— Não, senhor; se tivessemos reunido, a direção teria prevenido V. Ex.^a com as 12 horas de antecedencia, em conformidade com a intimação feita pelo vosso precedente, sr. Barbosa, que fez assinar um auto de intimação á mesma direção.

— Mas, então, nem mesmo a direção tem reunido?

— Tem, todas as semanas.

— E em que dia?

— Isso é conforme a sua deliberação, em conformidade com os estatutos.

— Mas os senhores não me têm prevenido dessas reuniões?

— V. Ex.^a admira-se? não tem de que se admirar por quanto V. Ex.^a não encontra na lei, que regulamenta as associações de classe, um artigo que obrigue a direção das associações a prevenir as autoridades das suas reuniões.

— Aqui, agora, não ha leis, são ordens superiores. E o sr. Quartel sabe que a lei autorisa-me á fiscalisação da associação?

— Sim, senhor, conheço perfeitamente, e quando V. Ex.^a quiser fiscalisa-la, creio que ninguem o impedirá de o fazer.

— Os senhores também tem uma caixa de pensões e uma cooperativa, que funciona ilegalmente?

— Creio que V. Ex.^a está mal informado.

— Porquê?

— Porque a caixa de pensões está ainda em projeto. Temos realmente uma quota suplementar que se destina a esse fim, mas por enquanto nada disso existe nem tampouco escrita para que se possa considerar uma instituição. Temos com essa quota suplementar, que nós podemos aplicar no que muito bem nos aprouver, subsidiado diferentes camaradas doentes, presos ou sem trabalho. Enquanto á cooperativa, creio que esta pode funcionar, apesar de não ter sido lavrada ainda a respectiva escritura num prazo de dois anos.

— Pode, mas sem fornecer aos socios.

— Perdão sr. administrador, fornecendo aos socios.

— Bem, seja como for, funciona ilegalmente, portanto os senhores saltam por cima da lei e eu sou aqui um seu fiscal.

— Bem sei que V. Ex.^a é um fiscal da lei; mas o que nós vimos, em tudo isto, não é a fiscalisação da lei, mas sim o entrave da marcha da organização operaria, por quanto as

autoridades deviam ser as primeiras a ajudar-nos a melhorar a nossa situação, e eis que o vosso fim é a dissolução da associação e da cooperativa, como tantos outros o teem feito por esse Alentejo fóra, a pretexto de qualquer coisa.

— Não, Quartel, não é nada disso, e creio que ainda não se deu o que diz, sem razão.

— E eu digo que sim, e vou-lhe citar, entre muitos exemplos, o seguinte: Que razão tinha o administrador de Arraiolos para mandar encerrar a associação de Vale de Pereiro, porque se tinham envolvido em desordem um socio e um não socio e este matar aquele? O que tinha de comum a associação com a desordem?

— Nada, realmente, se assim foi...

— Não tem que duvidar, sr. administrador, e tanto mais que a prevenção aos srs. administradores já data de ha tempo, porque nós conhecemos uma circular do sr. governador civil do distrito de Lisboa, de cuja doutrina se depreende a mais atróz perseguição á organização operaria e aos seus militantes.

— Não conheço essa circular; podia-me fornece-la?

— Não tenho duvida nenhuma, ela vem publicada na *Terra Livre*.

— Diga-me uma coisa, sr. Quartel, os senhores ainda estão no proposito de, no dia primeiro de junho, festejarem a inauguração da nova séde?

— No primeiro de junho, não, visto V. Ex.^a não o permitir, mas em qualquer ocasião.

— E sempre convidaram alguém de fóra para abrilhantar a festa?

— Sim, senhor.

— Mas sabe o sr. Quartel, que eu não o consinto?

— Como, sr. administrador, e foi V. Ex.^a que há pouco me disse que nós saltavamos por cima da lei, e agora vem-me dizer que não consente que convidemos alguém que nos elucide, que venha ao nosso seio falar-nos de ciencia, mostrar-nos o caminho a seguir para a nossa emancipação?

— Não lho posso consentir, porque nem os seus estatutos dão marjem para tal, nem tampouco lhes conveem essas doutrinas, porque são muito bonitas na teoria mas na pratica não dão nada; além disso, são para um outro meio que não para trabalhadores rurais; os senhores sabem muito melhor das suas necessidades e do que teem a pedir do que esses fulanos que veem para aí com propagandas syndicalistas revolucionarias e ação direta.

— Ora essa! então Lucinda Tavares, a quem nós tinhamos resolvido convidar, não conhece nada das nossas necessidades?

— Eu, sr. Quartel, conheço

bem Lucinda Tavares, Campos Lima e outros que por lá há, mas como lhe disse, as suas doutrinas são para meios intelectuais.

— Perfeitamente, sr. administrador; então o que vinham fazer os propagandistas republicanos ao nosso meio, no tempo da monarquia? Esses também eram doutores, e todavia eles falavam-nos das nossas necessidades como se as sentissem. Já vê V. Ex.^a que por este lado a sua argumentação, ou antes, a sua imposição, é falha. Relativamente aos estatutos, se estes não se referem ao caso, temos o decreto com força de lei de 26 de junho de 1896, em que o seu artigo 3.^o é bem explicito sobre este ponto.

— Mas agora, sr. Quartel, já uma vez lhe disse, que não se trata de leis; são ordens superiores e eu tenho que as cumprir. Outra coisa: o sr. Quartel é o arquivista da associação?

— Arquivista não, mas tenho em meu poder as chaves do arquivo, na qualidade de escriptorario.

— Nesse caso está em condições de o pôr á minha disposição?

— Não tenho duvida nisso, contanto que a direção o autorize.

— Quem é o arquivista?

— O meu camarada Manuel Cipriano.

— Onde trabalha?

— Não sei; talvez ande na quinta do José Pedro.

O administrador manda o official de diligencias chamar o camarada Manuel Cipriano, que não tarda em aparecer.

— O que deseja V. Ex.^a?

— O sr. Cipriano é o arquivista?

— Sou, sim, senhor.

— Nesse caso autoriza aqui o sr. Quartel a pôr o arquivo á minha disposição, sim?

— Eu, sr. administrador, não posso dar tal autorização, visto não ter ainda sido entregue do arquivo. (Isto, ao fim de três meses de estar a exercer o cargo; este camarada era capaz de mandar o pai para a forca, só para se defender).

— Nesse caso, sr. Quartel, podemos ir até á associação, sim?

— Como V. Ex.^a quiser.

Ao partir para a associação, sua Ex.^a, o sr. administrador, chama o seu secretario e um guarda *cívico*.

Uma vez ali, foi-me pedida toda a papelada, e conforme a ía trazendo, o sr. administrador ía-me pedindo esclarecimentos.

Claro está, apenas lhe dizia este pertence a tal e este a tal, etc., etc., com o que eu via o sr. administrador um pouco contrariado, por que este senhor não ficava precisando bem a nossa escrita, nem tampouco o seu metodo. Eis o motivo porque sua ex.^a fez um relatório da sua sindicancia, que me-

rece ser arquivado na biblioteca do *Rei da Madureza*. Porque, digamos de passagem, sua ex.^a, conquanto a lei lhe confira o direito á fiscalização da associação, não pode ir além de vêr se a mesma trata ou não dos fins para que foi criada. Tudo o que for além disto, é um abuso de autoridade, como sua ex.^a fez, porque a autoridade só tem que intervir na questão financeira da associação, quando um ou mais socios o reclamem, e agora nada disso houve.

Só depois de umas três horas de irritantes perguntas e de nervosas respostas, com alguns intervalos, de ápartes do sr. administrador com o seu secretario, para combinarem, em segredo, todo o trama da comedia que ali estavam representando, e de ser atada toda a papelada em diferentes volumes, saímos da associação, sendo esta fechada pelo secretario, metendo este a respetiva chave na aljibeira.

Dali partimos imediatamente para a cooperativa, eu e o camarada Mendanha, que assistiu a toda esta trama, e o official de diligencias.

Uma vez ali, digo para o official:

— Sabe, no fim de tudo isto hei de ser preso.

O official responde-me que não, por não pertencer á direção.

Passada meia hora aparece o secretario com um lacre na mão e uma testemunha, manda nos sair, e, em áto contínuo, fecha a porta principiando logo a lacra-la.

— Nesse caso nada mais tenho aqui a fazer, e posso retirar? — disse eu.

— Não senhor responde o secretario.

Terminado o *trabalhinho*, isto é, a lacração da porta, o *secretario* do administrador participou-me que tinha de ir á administração.

Chegado ali encontrei-me na presença do sr. administrador, que estava redijindo um telegrama em cifra, e se eu tivesse algumas duvidas sobre a minha prisão dissipar-se-iam naquele momento.

Sua ex.^a manda-me sentar, e continuou na mesma faina, todo entusiasta, com o livro das cifras em punho, em cujo serviço levou uma boa hora.

Terminada a redação do telegrama, sua ex.^a levanta-se e dá ordens sobre ordens, e todas tão em segredo, que bem mais parecia uma conspiração do que tratar-se da prisão dum *simples mortal*. Havia o medo, justifica se.

Tomadas as devidas posições para o ataque, diz-me sua ex.^a entre outras coisas, de que não me recordo.

— O sr. Quartel não faz mal a uma môsca, quanto mais á republica, não é isto?

— A' republica não, mas aos

homens que a governam não tenho duvida nenhuma em criticar os seus átos, quando eu não concorde com eles.

Nesta altura anuncia-se que estava tudo a postos para a marcha; e o sr. administrador, volta-se para mim com voz solene, compassada, deixando antever, através dos labios, um sorriso muito proprio dos homens de sotaina, e diz me:

— O sr. Quartel tem que nos ajudar, tenha paciencia; é um pouco de sacrificio. Pode-se considerar, para todos os efeitos ás ordens do sr. governador civil de Santarem, e portanto vai partir para ali.

— Nesse caso estou preso, não é isso?

— Não, preso não; vai á presença do sr. governador civil para esclarecer uns pontos duvidosos, e no relatório que mandar, farei por não o comprometer, nem comprometer a minha situação.

— Poderei ir a casa mudar de roupa, visto ter esta bastante suja do trabalho?

— Oh! o sr. não vai apresentar o fato; vai apresentar a sua pessoa.

E eis-me em marcha a caminho da estação, sem que me fosse permitido despedir me dos meus, e assim sucederia se alguém numa carreira doida os não fosse prevenir.

Cheguei a Santarem, quasi á meia noite. Ai, fui atirado para um calabouço duma esquadra, onde me conservaram durante 27 dias incomunicavel, não me sendo consentido nem sequer ler. As cartas para minha mulher — apenas duas — foram abertas pelo administrador.

Dali removeram-me para o governo civil de Lisboa onde permaneci durante 18 dias, e onde também fui chamado para responder ás acusações dum relatório — e que relatório! — feito pelo sr. administrador do concelho de Coruche.

Visto ser já tão prolongada a minha situação naqueles imundos calabouços, onde tinha por cama umas simples tábuas e por cobertura o meu casaco, alguns dos meus camaradas pediram a minha remoção para o Limoeiro, onde me encontro até á data, sem culpa formada.

Limoeiro, 15-VII-913.

Aucilio á "Terra Livre"

Da nossa presada camarada Maria Vieira recebemos para aucilio da publicação da *Terra Livre*, um estojo de *toilette* em prata, de valor; um broche em ouro, de valor, e um anel também de ouro.

Todos estes objéto acham-se patentes nesta administração á quem os quiser adquirir, presentando assim um valioso aucilio a este semanario.

Revista dos jornais

Os direitos do homem

O marítimo Nicolau Guillaume, de Plozenet, pescando outro dia nas paragens de Kerbouron, trouxe na sua rede, que abraçava o mar calmo, a corronha duma espingarda de guerra. Algumas braças adiante, o marítimo distinguiu, a quatro metros de profundidade, a silhueta dum navio, que, segundo se crê, não é senão *Les Droits de l'Homme*, naufragado em 1792 com a sua equipagem de 600 homens.

Que nós queremos essas fantasmas? Veem, surtidos do Oceano, recordar o velho idealismo dos nossos antepassados?

—A nossa época acomoda-se mal a essas recordações gloriosas...

Eles partiam, entusiastas, á conquista do mundo. Não para dele tirar dinheiro, mas para espalhar as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, e para libertar os povos do jugo dos tiranos. Nos costados do navio estava inscrito o título da grande carta revolucionária.

Todos os homens nascem livres e iguais em direitos... Ninguém pode ser inquietado por suas opiniões, mesmo religiosas...

Tais eram as suas divisas. Lançavam ao vento hinos inflamados:

*Que peço um republicano?
A liberdade do género humano,
A picareta nas prisões,
O facho nos castelos,
e a paz nas choupanas...*

Estinguiram-se as suas vozes. *Les Droits de l'Homme* jazem no meio do limo e do lodo...

Ah! decerto, ainda hoje a divisa falaciosa da Primeira Republica ilumina o frontão dos monumentos publicos e até das prisões. Ainda hoje nos falam de conquistas, de desforras e da patria em perigo. Mas essas conquistas seriam para os tubarões, essa desforra para os fornecedores do exercito e para os ministros acionistas das sociedades financeiras. A patria é um cofre. A Terceira Republica é dirigida por Etienné, das «Tréfileries du Havre», por Barthou-o-Patriota, que tem um irmão desertor; por Tardieu, do *Temps*, cumplice dum gatuno e dum traidor.

Mas os funcionarios que se lembram de trautear o nobre canto que acima recordamos são demitidos; mas os professores primarios que compartilham das angústias e esperanças do proletariado são processados.

Mas os militantes operarios que dão a sua vida ao trabalho de fazer uma sociedade mais fraterna, são encarcerados por delicto de palavra e de opinião.

Mas os soldados que se levantaram contra um projeto criminoso são enviados para as companhias de disciplina e para os trabalhos publicos.

Os Direitos do Homem!—São calçados aos pés, estão sepultados na vasa.

Ah! não vos lembreis de trazer acima o velho navio naufragado perto de Kerbouron. Deixai os marinheiros da Primeira Republica dormirem em paz o seu ultimo sono!—(De *La Bataille Syndicaliste*).

Milagre de Santo Afonso.

O semanário humorístico *O Talassa*, que, por sêr talassa, não deixa de sêr justo em muitas das suas críticas aos quadros desta impagável revista que se está representando no tablado da política portuguesa, dedicava este engraçado artigo ao milagre financeiro operado pelo grande prestidigitador Afonso Costa, em que, embora sôb uma forma jocosa, se analisa verdadeiramente o processo facil de operar semelhante milagre:

«Viva a fatura!

Não podíamos começar com outro grito o nosso artigo d'hoje, porque incontestavelmente é o unico que está neste momento atravancando as gue-

las nacionais, nesta ora de incomparavel felicidade financeira.

O *deficit*, esse escalracho ominoso dos tempos crapulosos, fileceu ás mãos habili losas do incomparavel malabarista dr. Afonso Costa.

Que talento.

Que gênio!

Que estadista!

Que prodijioso cáco!

Quem deve estar algo embuchado com o caso é o sr. Vicente Ferreira, antecessor na pasta das finanças do chefe dos democraticos, e que em 20 de novembro desenhou a situação financeira com b m neg-as corés. Então não só estavamos muito lonje dum possível *superavit* como tinhamos um *deficit* gordo e anafado, que aquele ministro unionista declarava ser impossível de extinguir.

Pois enganou-se.

Em se s meses o sr. Afonso Costa não só rebentou com o mostrengo, como deu á luz, (que abençoado organismo) um *superavit* de 967 contos!

Como conseguiu tal milagre?

Muito simplesmente.

Aumentando as receitas...no papel.

Olhem, a operação afinal de contas é duma facilidade infantil. Oratenham a bondade de ver.

O leitor, por esemplo, tem os seguintes rendimentos, não sendo tubarão:

Do seu escritorio.....	800\$000
Duns papeis de credito..	120\$000
Duma propriedade rustica B.....	500\$000
Total.....	1.420\$000
E tem calculada a seguinte despesa:	
Comida.....	700\$000
Vestuario	200\$000
Educção dos pequenos..	240\$000
Despesa com a propriedade.....	300\$000
Empregados do escritorio.....	360\$000
Total.....	1.800\$000

E' claro que tem um *deficit* de 380\$000 reis, que o faz arrepear-se. Pois deixe-se disso e resolva a coisa pelo metodo Afonso.

Verá como passa a viver sossegado.

Basta pegar no orçamento das receitas e por.

Do escritorio	800\$000
Dum negocio em projeto.....	600\$000
Dos papeis de credito (contando com maior dividendo.....)	400\$000
Da propriedade (palpite da boa colheita futura)	800\$000
Duma cautela da lotaria a comprar no Natal....	240\$000
Total.....	2.840\$000

Como se vê passa logo a ter receita inscrita no valor de 2.840\$000 reis.

Mas não deve ficar por aqui. Vá em seguida ao orçamento das despesas e chegue-lhe um tanho na educação dos pequenos (quanto mais brutos melhor), reduzindo-o a metade, e terá mais uma poupança de 12\$000 reis; e em seguida atire um corte na verba dos empregados do escritorio, (nada de maus costumes), passando a reis 240\$000, e ficará com mais 120\$000 rei, que, juntos aos outros 120, faz um total d: 240\$000 reis.

Abata agora esta verba da totalidade do orçamento das despesas e desta forma tem:

Receita.....	2.840\$000
Despesa.....	1.560\$900
<i>Superavit</i>	1.280\$000

Hein?! que nos diz a isto?

E-tremamente simples, como vê.

O leitor apresenta o orçamento á familia, e se ela for de uma certa qualidade que nós sabemos, apanha logo tres beijos, dois abraços e um prato de arroz doce ao jantar.

Mas...

Mau! Se começamos com os *mas* então não temos nada feito.

M s, o quê?

Mas como diabo se pode contar com as receitas *dum negocio em projeto*, *dum maior dividendo*, do *palpite* de

uma colheita mais abundante e duma *cautela da lotaria* que ainda não andou?

E como hão-de os pequenos educar-se reduzindo a metade a verba dos seus estudos?

E como ha-de o serviço do escritorio fazer-se reduzindo a verba dos seus empregados?

São estes os seus reparos, leitor?

Pois se são, guarde-os lá no fundo do saco porque, orçamentologicamente falando, o que se pretende é que seja assim no *papel* e nada mais. O resto, a *realidade*, isso fica para depois, porque enquanto o pau vai e vem...soam os vivas!

Talvez quisesse o orçamento sem *deficit* e com *superavit* no papel... e nos cofres, tudo a um tempo?

Ora o esigente! »

Os Bandidos Vermelhos

Pode parecer tarde demais para falar deles. Mas na realidade o assunto é sempre de atualidade, pois trata-se de factos e discussões que, assim como se repetiram no passado, assim se repetirão ainda infelizmente no futuro, em quanto perdurarem as causas que os produzem.

Alguns individuos roubaram, e para roubar mataram; mataram ao acaso, sem discernimento, quem quer que porventura fôsse um obstáculo entre eles e o dinheiro cubicado, mataram homens desconhecidos para eles, proletários vitimas tanto ou mais do que eles da má organização social.

No fundo nada mais vulgar: são os frutos amargos que normalmente amadurecem na árvore do privilégio. Quando toda a vida social está maculada de violência e de fraude, quando quem nasce pobre está condenado a todas as espécies de sofrimentos e de humilhações, quando o dinheiro é meio necessário para obter a satisfação das necessidades próprias e o respeito á personalidade, não podendo tanta gente arranjá-lo graças a um trabalho honesto e digno, não é verdadeiramente caso de espanto surtirem de vez em quando pobres insofridos do jugo, os quais, inspirando-se na moral dos amos, e não podendo roubar o trabalho alheio com a proteção da fôrça armada, roubam ilegalmente a despeito da policia, e não podendo, para roubar, organizar expedições militares ou vender venenos como géneros alimenticios, assassinam directamente, á punhalada e a tiro de revólver.

Mas aqueles «bandidos» dizem-se anarquistas; e isto deu aos seus atentados de bândoleirismo uma importancia e um significado simbólico que eles em si mesmos estavam lonje de ter.

A burguesia aproveita a impressão causada por aqueles factos sôbre o público para caluniar o anarquismo e consolidar o seu dominio. A policia, que amiude ocultamente os provoca, serve-se deles para augmentar a sua importancia própria, saciar o seu instinto de

perseguição e aniquilamento, recebendo o preço do sangue em dinheiro e promoções. E por outro lado, muitos camaradas nossos, só porque se falava de anarquia, julgaram-se obrigados a não renegar quem anarquista se dizia: muitos, seduzidos pelo pinturesco do caso, admirados da corajem dos protagonistas, já não viram senão o facto nu da revolta contra a lei, esquecendo-se de examinar o porquê e o como.

A mim parece-me que para regular a nossa conduta e aconselhar a dos outros é necessario examinar as coisas com calma, julgá-las á luz das nossas aspirações, e não dar ás impressões estéticas mais pêso que o que tem.

Corajosos, eram-no certamente aqueles homens; e a corajem (que afinal não é outra coisa senão uma forma de boa saúde física) é indubitavelmente uma bela e boa qualidade; mas tanto pode servir para o bem como para o mal. Tem havido homens corajosíssimos entre os mártires da liberdade, como os tem havido entre os mais odiosos tiranos; há-os entre os revolucionários, como os há entre os criminosos, entre os soldados, entre os polícias. Habitualmente, e não sem razão, chamam-se heróis os que arriscam a vida para fazer bem, e chamam-se prepotentes ou, nos casos mais graves, brutos insensíveis e sanguinários os que empregam a corajem para fazer o mal.

Nem negarei que aqueles episódios foram pinturescos e, em certo sentido, esteticamente belos. Mas reflitam um pouco os poéticos admiradores do «belo gesto.»

Um automóvel lançado a toda a velocidade com homens armados de pistolas automáticas, que espalham o terror e a morte ao longo do caminho, é decerto uma coisa mais moderna, mas não mais pinturesca do que um salteador ornado de plumas e armado de bacamarte a deter e saquear uma caravana de viandantes, ou do que o barão vestido de ferro, num cavalo couraçado, a impor a talha aos vilãos: —nem é melhor. Se o governo italiano não tivesse apenas generais de opereta e organizadores ignorantes e ladrões, teria talvez conseguido efectuar na Líbia alguma *bela* operação militar: mas seria por isso a guerra menos criminosa e moralmente menos feia?

E todavia aqueles homens não eram, ou nem todos eram, malfetores vulgares!

Entre aqueles «ladrões» havia idealistas desorientados; entre aqueles «assassinos» havia naturezas de herói, que heróis poderiam ter sido se tivessem vivido noutras circunstâncias e tivessem recebido a inspiração de outras ideias. Pois que é certo, para quem os conheceu, que aqueles homens se

procuravam com ideias, e que, se reagiram de modo feroz contra o ambiente e procuraram dessa maneira satisfazer as suas paixões e necessidades, foi em grande parte por influência duma especial concção da vida e da luta.

Mas são essas as ideias anarquistas?

Podém tais ideias, por mais que se queira forçar o sentido das palavras, confundir-se com o anarquismo, ou com o anarquismo estão, pelo contrário, em contradição evidente?

Esta é que é a questão.

Anarquista é, por definição, aquele que não quer ser oprimido *nem quer ser opressor*; aquele que quer o mássimo bem-estar, a mássima liberdade, o mássimo desenvolvimento possível de **todos** os seres humanos.

As suas ideias, as suas vontades teem origem no sentimento de simpatia, de amor, de respeito para com todos os homens: sentimento que deve ser bastante forte para o induzir a querer o bem alheio como o seu, e a renunciar às vantagens pessoais que esigem, para ser obtidas o sacrifício dos outros.

Se assim não fôsse, porque havia êle de ser inimigo da opressão e não procurar, pelo contrário, tornar-se opressor?

O anarquista sabe que o indivíduo não pode viver fora da sociedade, ou melhor não existe, como indivíduo humano, senão porque traz em si os resultados da ação de inúmeras gerações passadas e tira proveito, durante toda a sua vida, do concurso dos seus contemporâneos.

Sabe que a atividade de cada um influi, direta ou indiretamente, sobre a vida de todos, e reconhece por isso a grande lei de solidariedade, que domina na sociedade como na natureza. E como quer a liberdade de todos, forçosamente há-de querer que a ação desta necessária solidariedade, em vez de ser imposta e sofrida inconscientemente e involuntariamente, em vez de ser deixada ao acaso e de ser explorada em vantagem de alguns e em prejuízo de outros, se faça consciente e voluntária e se manifeste portanto para igual proveito de todos.

Ou sermos oprimidos, ou sermos opressores, ou cooperarmos voluntariamente para o maior bem de todos. Não há outra alternativa possível; e os anarquistas são naturalmente, nem podem deixar de ser, pela cooperação livre e voluntária.

Não nos venham cá fazer "filosofia" e falar-nos de egoísmo, altruísmo e quejandos quebra-cabeças. Dacôrdo: somos todos egoístas, procuramos todos a nossa satisfação. Mas é anarquista aquele que acha a sua maior satisfação na luta pelo bem de todos, pela reali-

zação duma sociedade em que êle se possa encontrar no meio de irmãos, no meio de homens, inteligentes, instruídos, felizes. Quem pelo contrário pode adaptar-se a viver contente entre escravos e a tirar lucro do trabalho de escravos não é, não pode ser anarquista.

Há indivíduos fortes, inteligentes, apaixonados, com grandes necessidades materiais ou intelectuais, que tendo sido postos pela sorte entre os oprimidos, querem a todo custo emancipar-se e não lhes repugna tornarem-se opressores: indivíduos que, vendo-se coactos na sociedade atual, começam a desprezar e a odiar toda e qualquer sociedade, e sentindo o absurdo de querer viver fora da coletividade humana, desejariam submeter à sua vontade, à satisfação das suas paixões, toda a sociedade, os homens todos. Estes às vezes, quando pescam de literatura, soem chamar-se *super-homens*. Não se embaraçam com escrúpulos; querem "viver a sua vida"; riem-se da revolução e de qualquer aspiração futurista, querem gozar hoje a todo custo e à custa de quem quer que seja; sacrificariam toda a humanidade por uma hora (há quem o tenha dito assim mesmo) de "vida intensa".

São rebeldes; mas não são anarquistas. Teem a mentalidade, os sentimentos dos burgueses falhados e, quando triunfam, fazem-se burgueses a valer, e não dos melhores.

Podemos uma vez ou outra, nas vicissitudes da luta, achá-los a nosso lado; mas não podemos, não devemos, não queremos confundir-nos com êles. E êles sabem-no muito bem.

Mas muitos deles gostam de se dizer anarquistas. E' verdade — e é deplorável.

Não podemos impedir que uma pessoa tome o nome que lhe apraz, nem por outro lado podemos abandonar nós o nome que resume as nossas ideias e que lógica e historicamente nos pertence. O que podemos fazer é velar para que não haja confusão, ou haja a menor possível.

Averiguemos, porém, como sucedeu que indivíduos de aspirações tam opostas às nossas tomaram uma designação que é a negação das suas ideias e dos seus sentimentos.

Referi-me atrás a escuras manobras de polícia, e ser-me-ia fácil provar como certas aberrações, que se quiseram fazer passar por anarquistas, tiveram a sua primeira origem nas sentinas policiescas de Paris, por sugestão dos chefes de polícia Andrieux, Goron e outros que tais.

Estes polícias, quando o anarquismo começou a manifestar-se e a adquirir importância em França, tiveram a ideia genial, digna deveras dos mais astutos jesuitas, de combater o

nosso movimento por dentro. Mandaram para o meio dos anarquistas agentes provocadores que tomavam ares de ultrarrevolucionários, e hábilmente desfiguravam as ideias anarquistas, tornando-as grotescas e fazendo delas uma coisa oposta ao que verdadeiramente são. Fundaram jornais pagos pela polícia; provocaram atos insensatos e perversos, gabando-os e qualificando-os de anarquistas; comprometeram moços injênunos que êles depois, naturalmente, venderam; e conseguiram com a complacente cumplicidade da imprensa burguesa persuadir uma parte do público de que o anarquismo era o que êles figuravam. E os camaradas franceses teem boas razões para crer que estas manobras policiescas ainda duram, não sendo estranhas aos factos que motivam êste artigo.

A's vezes as coisas vão talvez além da intenção do provocador — mas de todos os modos a polícia tira deles proveito da mesma forma.

A estas influencias policiais outras se devem juntar, mais limpas, mas não menos nefastas. Num momento em que atentados impressionantes tinham chamado a atenção do público para as ideias anarquistas, alguns literatos de talento, profissionais da pena sempre em busca do assunto da moda e do paradoxo sensacional, puseram-se a fazer anarquismo. E, como eram burgueses, com mentalidade, educação, ambições burguesas, fizeram anarquismo que servia bem para dar um arripio voluptuoso ás donzelas fantásticas e ás damas enfasiadas, mas tinha pouco que ver com o movimento emancipador das massas, que o anarquismo quer provocar. Eram pessoas de talento, escreviam bem, diziam amiude coisas que ninguem percebia e... foram admirados. Não houve acaso um momento em que na Italia se dizia que Gabriel D'Annunzio se fizera socialista?

Esses "intelectuais" pouco depois voltaram quase todos ao redil burguês para gozar o premio da notoriedade conquistada, manifestando-se como na realidade nunca tinham deixado de ser, isto é: aventureiros literarios em busca de *réclame*; mas o mal estava feito.

Tudo isto afinal pouco dano teria produzido, se no mundo só houvesse gente com ideias claras, que sabe perfeitamente o que quer e actua em conformidade. Mas infelizmente ha um grande numero de pessoas de espirito incerto, de mente confusa, que oscilam continuamente de um ao outro estremo.

Assim ha-os que se dizem e julgam anarquistas, mas quando cometem más ações (que seriam aliás amiude perdoáveis em consideração da ne-

cessidade e do ambiente) vangloriam-se delas, dizendo que os burgueses fazem assim e ainda pior. E' certo; mas então porque se crêem diferentes dos burgueses e melhores que eles?

Atacam os burgueses porque estes roubam aos operarios uma boa parte do produto do seu trabalho, mas não acham que dizer se alguém roubou ao operario o pouco que o burguês lhe deixa.

Indignam-se porque o patrão, afim de aumentar o seu lucro, faz trabalhar um homem em condições insalubres, mas são cheios de indulgencia para quem dá uma facada nesse homem afim de lhe tirar alguns vintens.

Sentem asco pelo usurario que subtrai a um pobre diabo um tostão de juros por dez que lhe emprestou, mas acham louvavel ou quase que alguém tire ao mesmo pobre diabo dez tostões, de dez que lhe não emprestou, passando-lhe uma moeda falsa.

E como são débeis de espirito, julgam-se naturalmente homens superiores e ostentam um profundo desdém pelas "massas embrutecidas", imaginando-se no direito de fazer mal aos trabalhadores, aos pobres, aos desgraçados, porque estes "não se revoltam e portanto sustentam a sociedade actual." Conheço um capitalista que, quando está na cervejaria, se compraz em dizer-se socialista e até anarquista, mas nem por isso deixa de ser na sua officina um dos mais ávidos exploradores: patrão duro, avarento, soberbo. E não o nega, mas costuma justificar a sua conduta de um modo original para um patrão. "Os meus operarios, diz ele, merecem o tratamento que lhes dou, visto que se sujeitam; teem natureza de escravos, são a força que sustêm o regime burguês, etc., etc." E' esatamente a linguagem dos que querem dizer-se anarquistas, mas não sentem simpatia e solidariedade pelos oprimidos. A conclusão seria que os seus verdadeiros amigos são os patrões, e os seus inimigos as massas deserdadas.

Mas então para que palrar de emancipação e de anarquismo? Vão para os burgueses e deixem-nos em paz.

Errico Malatesta.

Pró presos

Maria Vieira 200 réis — Francisco Cunha 200 — José dos Santos 100 — Adelino da Costa Eusebio 500,

Subscrição a favor dum camarada que se encontra tuberculoso

M. 100 rs. — Jorge Coutinho 200 — Mario Domingos 700.